ANNO XII — Quinta-feira 13 de Abril de 1893 — NUMERO 624

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Preço da assignatura

Aveiro: 100 numeros, 2$000; 50, 1$000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 numeros, 2$250; 50, 1$125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 numeros (moeda forte), 4$500.—Pagamento adeantado.—Avulso, 20 réis.

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Redacção, Administração e Typographia
Espirito Santo, 71

Preço das publicações

Annuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Communicados e réclames, cada linha, 30 réis. Annuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes teem o desconto de 50 p. c.

AVEIRO

ASSUMPTOS MILITARES

—

Parece que, antes d'estes artigos que estamos publicando, algum ou alguns officiaes militares advogaram a idéa, como muitos aliás teem advogado, de se estabelecer em Portugal um regimen militar analogo ao da Suissa. E dizemos parece porque nos acabam de mostrar dois periodicos militares, que passam por auctorisados, onde se lêem dois artigos, tambem anteriores aos nossos, em que se combatem aquellas idéas, taxando-se de ignorantes e declamadores os que as defendem.

Ignorantes e declamadores porque o exercito suisso não custa tal tres mil e tantos contos, mas oito mil simplesmente.

Ignorantes e declamadores porque nem Portugal se presta á organisação suissa, nem é admissivel estabelecel-a de repente.

Ignorantes e declamadores porque não cabe na cabeça de ninguem que um soldado se faça em 45 dias e um official em 482. Logo, o exercito suisso está muito abaixo do que se diz, mesmo do nosso, que é mais barato e que faz os officiaes e os soldados em mais tempo.

E' o que rigorosamente se conclúe. E depois d'uma tal conclusão é licito que alguem se admire de que uns logicos d'estes chamem ignorantes e declamadores aos outros!

A questão não é comnosco, nem nos queremos metter n'ella. Não vale a pena. Embora sejâmos tambem, afinal, dos taes declamadores e ignorantes, a fraquesa da logica é tal que sentimos os nervos socegados, até frouxos. Mas por amor á verdade sempre diremos duas coisas.

Nos taes oito mil contos ha, segundo os criticos censores, duas verbas: uma do orçamento ordinario—5:650 contos; outra extraordinaria—a que vae d'esses 5:650 contos até perto de oito mil. Dizem que é o orçamento para o anno de 1894, tirado d'uma revista militar suissa.

Ora, para que se veja que tudo aquillo tem simplesmente em vista armar ao effeito, basta dizer-se que no proprio orçamento que elles chamam ordinario figuram verbas extraordinarias, como são as de compra de armamento e equipamento—1.108:692$720 réis e 982:762$000 para material de guerra. Claro é que estas verbas não são de simples conservação; são de fabrico ou compra; e, n'este caso, são verbas extraordinarias, porque um exercito não está sempre a comprar armamento e equipamento, e não verbas ordinarias.

Se a Suissa gastasse oito mil contos com o seu exercito, que dinheiro lhe ficava para o resto?

Segundo Simouneau, no seu livro—*Les effectifs, les cadres et les budgets des armées européennes*, a receita geral da Suissa no anno de 1874 foi de 41.747:992 francos.

Diz-nos o capitão Heumann, no seu livro—*L'armée suisse (sou histoire, sou organisação actuelle)*, livro pertencente a uma bibliotheca protegida pelo ministerio da guerra francez, que as receitas da Confederação, no anno de 1882, foram de 42.511:848 francos, e, em 1886, de 48.500:000 francos. Já queremos que hoje hajam subido extraordinariamente, ou que exista qualquer erro de calculo nos livros citados e que montem a 80 ou 100 milhões que seja. Se é assim, se aquelles auctores não mentem, e nós só podemos fazer obra pelo que lêmos, como poderia a Suissa gastar oito mil contos annualmente com a tropa? Se o tal orçamento, arranjado pelos que accusam os outros de declamadores e ignorantes, não é phantastico, parece-o bem.

Mas supponhâmos que é exactissimo. Deduzidas, dos 5:650 contos, as duas verbas de armamento e material de guerra, necessariamente extraordinarias, ficam as despesas normaes reduzidas a pouco mais de 3:500 contos que os *declamadores* dizem ser a importancia total das despesas militares da Suissa.

Em 1886, o orçamento militar suisso, segundo o já citado capitão Heumann, era de 18.206:832 francos ou 3.277:229$760 réis. Depois d'isso, foi o paiz armado de uma espingarda de repetição, modêlo de 1889, e o conselho federal auctorisado a augmentar as fortificações com o necessario armamento,—porque é de notar que a Suissa, desde que a Allemanha e a França pensaram em violar o seu territorio em caso de guerra, procedeu a obras e armamentos extraordinarios de defesa, não sendo de admirar que o seu orçamento, momentaneamente, chegue a quantias enormes embora com grandes sacrificios, oito, nove, ou dez mil contos, porque a Suissa tudo sacrifica á sua defesa e integridade, sem que este facto, repetimos sempre, altere, porque não se argumenta, nem procede, das excepções para a regra geral, altere a normalidade do seu orçamento da guerra—. E d'aqui proveio o excesso de despesa. Mas excesso accidental, puramente accidental.

Quem são, então, os declamadores? Já é ousadia!

Entretanto, admittâmos ainda o peor caso. Supponhâmos que o exercito suisso custava realmente e permanentemente 5:650 contos. E' de advertir que custava tanto como o exercito portuguez, por isso que a Suissa paga o fardamento dos seus soldados e dá uma indemnisação de equipamento aos seus officiaes, ao passo que, entre nós, os officiaes pagam o seu equipamento e os soldados o seu fardamento. Ora custando tanto, levanta a Republica Helvetica um bom exercito—já queremos conceder que não seja magnifico—de quinhentos e quarenta e cinco mil soldados—os maiores atiradores do mundo—emquanto Portugal nem cinco mil soldados, adestrados, ensinados, homens de guerra, é capaz de pôr em campo.

Perante isto, todas as questiunculas cahem por terra.

Custando tanto, o exercito suisso custa muito menos porque está apto a defender a sua patria.

Custando tanto, o exercito suisso custa muito menos, porque lhe preside um espirito de alta justiça, um espirito de egualdade, todos obrigados a servir, e sem isto não ha exercitos possiveis.

Custando tanto, o exercito suisso custa muito menos porque nem cria viciosos, nem rouba homens ao trabalho da nação.

E nos outros argumentos nem vale a pena falar. São ridiculos uns; filhos outros de preconceitos de classe.

A educação militar da Suissa não é de mais a menos dia, porque começa desde o berço. A educação militar e a educação civil. E, por isso, nem consta que por lá existam officiaes que façam conferencias á *José da Rosa*, ou que escrevam José Miguel em vez de José Miguel, e d'estes ainda os ha bastos por cá, nem que perguntem se hão de mandar *deitar os homens* (fachinas) n'um riacho para o regimento passar a pé enxuto.

Isso é que nenhum official manteigueiro da Suissa foi nunca capaz de fazer ou de dizer.

Este horror a ouvir falar na Suissa e no seu exercito já nós o explicámos largamente. E' a historia dos aspirantes a officiaes ás ordens, dos que ambicionam *marinhar* pelo ministerio da guerra, que se não querem *desacreditar*. E' o *sangue azul* portuguez, os pergaminhos nacionaes, que não podem envergonhar-se reconhecendo as boas obras d'um povo aldeão.

Esse horror já concorreu immenso para levar á forca o general portuguez mais illustre d'este seculo. Querem saber como Gomes Freire de Andrade se pronunciava contra os exercitos permanentes no seu notavel—*Ensaio sobre o methodo de organisar em Portugal o exercito relativo á população, agricultura e defeza do paiz?*

Ora ouçam, que tem curiosidade:

"Revolvendo a historia antiga achamos que nos tempos mais remotos, em que a guerra já se fazia debaixo de certos principios, o Estado Militar não era acompanhado das pensões, ás quaes o sujeitamos nos nossos; e que os romanos nos primeiros tempos da Republica excitavão no Campo de Marte aquelles cidadãos, de quem fiavão (conservamos a ortographia original) a defeza publica, sem que estes deixassem de lograr, como os mais, das mesmas prerogativas, e de poder, como elles, empregar-se na cultura das suas terras.

Os gregos, cuja tatica já no tempo dos romanos era assim, como depois foi nos nossos, o estudo dos grandes homens d'estes diversos seculos; os gregos nunca differençarão a classe dos soldados das outras, de que se compunha a Republica, e jamais os vencedores de Marathon, Mantinea, Platea e Lenctres se acharão sujeitos a uma disciplina, a qual os igualasse como escravos, e obstasse a que elles podessem gozar das doçuras da vida social, não obstante que a sua tatica fosse composta de evoluções assaz complicadas, e as quaes não podião deixar de carecer por este motivo de hum exercicio frequente; pois que a mesma Phalange era organisada de modo, que cada soldado tinha n'ella hum lugar proprio, e competente á sua arma, o manejo da qual pedia de mais a mais maior uso, e agilidade, que as nossas, por serem n'estes tempos as batalhas sempre decididas pelo combate particular de hum individuo contra o outro. Se pois temos a certeza, que a Constituição Militar dos gregos, e dos romanos era analoga á sua tatica, poderemos deixar de acreditar, que esta constituição fosse calculada de modo, que a milicia se podesse reunir instantaneamente, tanto quando o pedia a defeza da Republica, como quando se fazia necessario instruilla nas diversas evoluções, assim como no manejo das differentes armas?

Haveria alguma razão, que obstasse, a que as milicias modernas se organisassem, como aquellas, quando ainda os principios, em que se fundão os Estados, são os mesmos, sobre os quaes se fundavão aquelles da antiguidade, e quando apezar da invenção da polvora, e da mudança das armas, as evoluções dos antigos gregos constituem tambem em parte a nossa tatica sublime? Poderiamos nós recear o não encontrar n'este methodo os meios competentes para equilibrar a existencia dos exercitos com a população e agricultura, quando demais a mais sem recorrer á historia de tempos tão remotos, os treze cantões suissos mostrarão nos nossos dias o exemplo de huma Constituição Militar pouco differente daquella dos antigos?

Os suissos souberão, mediante hum bem entendido calculo, combinar os cargos dos differentes ramos da administração publica de sorte, que o cuidado de vigiar, e combater para defender o Estado fosse gradualmente incumbido a todos aquelles cidadãos, os quaes tanto pela sua idade, como pela sua constituição fisica erão proprios para aquelle emprego, e que depois de terem sido occupados nelle, durante um certo tempo, viessem a ser rendidos por outros, a fim, que illudida por este modo a precisão de tomar a soldo hum numeroso exercito, não se empregasse, na milicia senão aquelle numero de individuos, que pedião as circumstancias do tempo para defeza, e socego do Estado, e que os mais, promptos como elles, para o mesmo fim, podessem entretanto occupar-se, conforme as suas diversas classes nos differentes empregos da Republica, e particularmente em augmentar por via da agricultura o seu estado florescente.

Admittirá este systema violencias, e injustiças nas Levas? Desfalcará elle a população e agricultura, ou será hum obstaculo á boa disciplina, e a que hum exercito seja em tudo apto para a guerra? Certamente não; porque jamais se tem ouvido gemer o povo suisso debaixo do pezo das Levas, nem tão pouco visto fugir da patria para se eximir dellas. As montanhas e os rochedos daquelle paiz cobertas de povoações, e de searas não são outras tantas testemunhas, que fallão a favor da sua população e agricultura? E quem poderá accusar os suissos de indisciplina, ou provar, que o seu exercito não he tão apto, como os outros, para a guerra, quando, durante vários seculos, fazendo constantemente respeitar a sua liberdade, vencerão todos aquelles, que intentarão tirarlha; quando os ossos accumulados no campo de Morat ainda nos dizem, quam terriveis elles forão sempre aos seus inimigos e quanto póde nelles o patriotismo; quando emfim acabamos de vêr os suissos no meio do tumulto, que agitou a Europa, e abalou os maiores Estados, fazerem (emquanto se não desunirão) respeitar o seu territorio, e conservarem cercada de combatentes a sua Liberdade?

Queremos mais exemplos para provar a perfeição de similhante Constituição Militar?„

Assim se exprimia um espirito educado lá fóra, longe d'este meio degradante, um homem que ganhou os seus titulos e glorias ao pé dos maiores generaes do mundo. E não lhe bastando o ter sido levado á forca por ser uma *planta exotica* no meio em que as circumstancias o collocaram, ainda passado quasi um seculo os *escriptores militares mais em voga* da sua patria lhe chamam *ignorante e declamador*, provado como fica que ninguem defendeu mais calorosamente a constituição militar suissa do que a infeliz victima de Beresford.

E' que hoje não se vae á forca. Mas não se ganham favores e mercês. E isto já é muito.

De resto, assim Gomes Freire tivesse podido com as iras dos poderosos do seu tempo, como as suas doutrinas podem com as invectivas dos *escriptores militares mais em voga* n'estes tempos.

Seja tudo pelo amor de Deus!

Carta de Lisboa

—

11 de Abril.

Sob o titulo—*E' inacreditavel*—lia-se hoje no *Diario de Noticias:*

"Segundo referem as folhas do Funchal, hontem chegadas a Lisboa, o ministerio da guerra negou a licença que lhe foi sollicitada por intermedio do illustre commandante militar da Madeira, o sr. coronel Celestino de Sousa, para que os srs. officiaes de artilheria em serviço n'aquella cidade se constituissem em commissão com o fim de angariar alguns meios pecuniarios destinados a pôr ao abrigo da miseria a desventurada Joanna de Olival, a quem o terrivel desastre do dia 17 do corrente privou do seu unico arrimo o seu filho o artilheiro sr. João Vieira, victima da explosão na fortaleza do Ilheu na salva de agradecimento a um couraçado inglez. Entendeu-se no ministerio da guerra que essa obra de caridade era... uma manifestação collectiva!„

Inacreditavel não é. Admiravel, admiravel é que se deve dizer!

Começa porque o espirito da lei, que prohibe as manifestações collectivas não se estende senão ás que implicam com questões politicas ou disciplinares. E uma manifestação de caridade, principalmente dirigida a favor d'um soldado ferido em serviço, além de nada ter com a politica, engrandece e fortifica a disciplina em vez de a prejudicar.

Não é esta, com certesa, a opinião das *summidades* militares e tanto que prohibiram a manifestação do Funchal. Mas nem por isso, antes por isso, ella deixa de ser a verdadeira e justa.

Depois, é espantosa a incoherencia que se manifesta a cada passo nas regiões do poder. Se ainda n'outro dia houve uma festa militar no Colyseu, iniciada pela familia real, e na qual o exercito tomou parte officialmente, como se prohibe agora a do Funchal, tendo o mesmo fim de caridade, e com a circumstancia importante de ser a favor d'um infeliz soldado? Como?

Coisas tão graves não podem estar á mercê d'um só homem. Um ministro da guerra a pensar hoje d'um modo, e outro a pensar, sobre o mesmo assumpto,

d'um modo inteiramente differente, não póde ser, porque avilta a magestade do poder. E' necessario que estabeleçam uns certos processos e que estes, sejam quaes forem, fiquem ao menos materia corrente. D'outra fórma ninguem se entende e... ninguem tem respeito, que é o peor.

Mas ha mais. Ao mesmo tempo que eu lia aquillo no *Diario de Noticias*, lia no *Seculo* que reuniu hontem o conselho director da *Liga*, de que fazem parte officiaes, e que se pronunciou com decidido applauso ácerca da fórma como tem sido cumprido o decreto sobre execuções fiscaes.

Admiravel, sempre admiravel! Então os officiaes do Funchal não se podem reunir para uma obra de caridade a favor d'um soldado ferido e os da *Liga* podem-se reunir para um fim politico?

Que monstruosidades que vão n'este paiz!

—Hontem um louco, na Avenida, atravessou-se na frente do carro que conduzia el-rei e deu vivas á Republica.

Ao principio constou-me que era o Contreiras, e que fizera declarações compromettedoras para o Casaquinha e o Carlos Costa chapelleiro. Mas afinal era um judeu que endoidecera aqui ha tempos.

E nada mais por hoje.

Au jour le jour

Já estamos em plena Primavera.

Um sol ardente e dourado insufla nova vida a toda a Natureza. A verdura esmeraldina dos platanos e a alvura prateada das faias; o matiz perfumado dos campos e o perfume inebriante das flores; o brando deslisar dos regatos de crystal e o crystallino gorgeio dos cantores dos bosques, tudo parece animado por uma nova força, tudo é novamente revocado á vida.

A aurora com o seu rubor é bella porque com ella desperta o dia; a Primavera com o seu manto de verdura marchetado de flores é bella porque é o despertar da Natureza.

Para mim nada ha mais bello do que este despertar, nada é mais bello do que esta estação de poesia, de amores, de aves e flores.

Salvê!!!

* * *

No quarto volume do «Diccionario popular, historico, geographico, mytologico», etc., etc., dirigido pelo sr. P. Chagas, vem, a paginas 270, um artigo sobre o cardeal D. Henrique, onde se lê o seguinte:

"... O seu estado de fraqueza era tal que se sustentava unicamente com leite de mulher."

Depois d'isto ainda haverá quem diga que a velhice não é uma segunda infancia?...

O cardeal D. Henrique, depois de velho, a chuchar como qualquer bébé!

E, já que estou com a mão na massa, deixa-me presentear o leitor com uma quadra que o povo cantava ás portas do palacio do rei cardeal:

Viva el-rei D. Henrique
Nos infernos muitos annos,
Pois deixou em testamento
Portugal aos castelhanos.

Estará lá? Póde muito bem ser que sim, mas o diabo, sem duvida, é que não está resolvido a dar-lhe ama.

No mesmo artigo vem:

"... Deliberou a commissão que D. Henrique governasse o reino como curador emquanto não houvesse noticia segura da morte de D. Sebastião."

Fraco curador que não curou o reino do mal que o consumia, antes lh'o aggravou.

* * *

Calembourg.

Queixavam-se a um tio de que um sobrinho lhe roubava tudo o que podia para gastar e dar aos amigos.

—Olhem, diz o tio, se elle dêr tudo hoje, escusa de ir dar (herdar) ámanhã.

* * *

No domingo, á tarde, bateram-se a murro dois sujeitos casados. D'essa lucta resultou ficar sem armas a familia dos mesmos.

* * *

O meu amigo *Loyola* já tem outra burra preta.

E' um gosto vêl-o saracotear-se n'ella (na burra) quando á noutinha vem dos passeios gastronomicos.

Que seja mais feliz com a nova companheira é o bem que lhe quer quem não lhe deseja mal.

EU.

SECÇÃO LITTERARIA

N'UM ALBUM

Versos!... Podem, porventura,
os roseiraes enlutados
deixar vêr a formosura
dos calices perfumados?

Póde o doce rouxinol,
sem ter virente morada,
saudar o arrebol,
o despertar da alvorada?...

Oh! não! os hymnos d'amôr
sómente os póde soltar
quem desconhece a Dôr.
Como te hei de eu de cantar?...

Em meu peito abunda a Dôr,
minha alma jaz enlutada;
falta-me, creança, o amôr
que anima a lyra quebrada.

Aveiro, 30—3—93.

Fernando de Souza.

NOTICIARIO

Exames

Começam no proximo dia 15 do corrente os exames de admissão ao lyceu, sendo a meza composta dos srs. Antonio Maria dos Santos Freira e padre Vidal, professores primarios, e presidente um dos professores do lyceu que se alternarão na presidencia, em cada dia de exames.

Perdão

O poder moderador acaba de perdoar, dando-lhe por expiada a culpa, a uma pobre velha, ha annos presa nas cadeias d'esta comarca, em cujo tribunal foi julgada, e condemnada por crime de infanticidio.

A contemplada chama-se Joanna de Souza e é natural do logar de Sarrazola, freguezia de Cacia, d'este concelho. Ha annos, uma filha de Joanna de Souza appareceu gravida, e ambas concertaram encobrir a falta, commettendo o crime de infanticidio, que as arrastou á cadeia. No dia do julgamento, com surpreza de todos, a filha era absolvida, e a mãe condemnada a degredo na Africa, para onde não chegou a ir por estar alcançada na idade.

Duas vezes, a infeliz obteve commutação de pena, sendo-lhe por ultimo perdoado o tempo de prisão que lhe restava cumprir.

A filha, pouco depois de sahir da cadeia, não quiz mais saber da mãe, que se sacrificára para a salvar de um castigo certo.

Foi, pois, a desventurada restituida á liberdade, facto em que interferiu com a melhor boa vontade o nosso illustrado conterraneo sr. dr. Arthur Ravara.

O rico senhor commissario de policia

Reincidindo na arbitrariedade com um desplante que revolta os proprios guardas, seus subordinados, vemos com mágua que ainda nenhum superior o conteve nos disparates, que tanto desprestigio acarretam á dignidade d'uma funcção elevada.

O rico senhor commissario, que se acha evidentemente deslocado de um logar inferior, desmandou-se ha dias por um novo acto de crueza inaudita praticado com um homem que a policia de Coimbra mandou aqui capturar e conduzir áquella cidade. Preso o homem, e levado á presença do sr. commissario, este ordenou abruptamente que fosse mandado, a pé, para Coimbra. O pobre homem observou humildemente que não podia ir a pé e nem mesmo a cavallo, em virtude do seu melindroso estado de saude, e effectivamente apresentava uma asquerosa affecção testicular que lhe permittia com difficuldade o movimento das pernas.

Mas o sr. commissario tinha dado as suas *ordes*, e essas *ordes*, quasi sempre desconchavos pyramidaes, são mantidas atravez de tudo: marchou, pois, o preso, arrastando-se como poude até Arada, a cujo regedor foi entregue pelos guardas. A esta auctoridade apresentou o homem egual queixa, que foi attendida. O regedor de Arada fez voltar o preso para Aveiro, acompanhado d'um officio para o sr. commissario em que expunha os motivos do seu procedimento; porém este funccionario, que traduziu isso por um desacato ás suas *ordes*, deixou-se tomar de injustificada cólera, e consta-nos que teve furias de lapidar o pobre homem. Mandou-o, então, aferrolhar na cadeia, onde morreria de fome se não morresse da doença que o atormenta, se um guarda, condoído do misero, não fosse denunciar a deshumanidade ao sr. administrador do concelho, substituto. O sr. Mendonça Barreto, com uma sollicitude louvavel e digna, providenciou immediatamente, fazendo ministrar alimento ao preso, e ordenando que no dia seguinte désse entrada no hospital.

S. s.ª, que recebeu minuciosas revelações ácerca do procedimento do sr. commissario, ficou indignadissimo. E o caso, que chegou até nós e se divulgou no publico, não é para menos.

Falta vêr agora como o qualificará o sr. governador civil.

Nomeações

Foram nomeados juizes de direito substitutos da comarca de Aveiro os srs. dr. Alvaro de Moura Continho de Almeida de Eça, conselheiro José Ferreira da Cunha, Francisco Manuel Couceiro da Costa e Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Horroroso suicidio

A *Folha*, de Vizeu, trouxe-nos no seu numero de domingo a noticia de um suicidio em circumstancias que causam horror.

Vivia na povoação de Abrunhosa, concelho de Sattam, Antonio de Almeida, lavrador, de 38 annos. Ha tempos para cá o seu estado mental não offerecia confiança, apparecendo pouco e sempre taciturno e preoccupado, desconnexo na phrase, mas ainda assim sem exaltações e desvarios que podessem levar á desconfiança do que teria de acontecer.

Na quarta-feira da ultima semana o desgraçado resolveu suicidar-se: e tão fortemente o dominou este pensamento que, para o realisar, não recuou deante de qualquer meio. Primeiro pegou n'uma espingarda carregada, encostou-a ao queixo e tentou disparal-a, mas a espingarda não fez fogo, por estar encravada. Tendo-lhe falhado esta tentativa, armou-se d'uma faca de gume afiado e fazendo na região umbilical um córte circular arrancou primeiro o intestino delgado, que deitou pela janella fóra, e a seguir o intestino grosso!

Parecendo que deveria estar já morto ou pelo menos subjugado por cruciantissimos soffrimentos, lançou ainda mão d'uma machada e, vibrando rijo e certeiro golpe ao pulso esquerdo, cortou rente a mão!

N'este comenos entrou um irmão, que chegou casualmente, e não chamado por gritos de soccorro, que nenhum soltou o heroico doido. Afflicto, aterrorisado com o hediondo espectaculo que se lhe offerecia, louco de afflicção, gritou-lhe:

—Que fizeste, desgraçado?

—Que fiz? tratei de experimentar se quando a gente quer leva ou não uma coisa por diante. Falhou a espingarda mas a navalha foi mais certeira. Estou n'este estado mas nem por isso estou mais fraco.

Correndo um portador a Villa de Egreja, distante kilometro e meio, a chamar o medico, ainda este veio encontrar com vida o Almeida. Apenas, porém, trocou com elle algumas palavras porque d'ahi a pouco fallecia. O que é de pasmar é que depois de tamanhos estragos e de consideraveis perdas de sangue, vivesse pouco mais ou menos 1 hora.

Este sangrento successo alarmou não só a povoação onde se deu, mas tambem todos os povos das redondezas.

Obito

Falleceu na segunda-feira o conhecido barqueiro Joaquim da Silva Palavra, vulgarmente conhecido pela alcunha de Quina. Era um dos typos originaes de Aveiro. Tinha uma facilidade pasmosa em fazer, com um leve esforço de memoria, as quatro operações arithmeticas, não conhecendo aliás um unico algarismo. Na multiplicação e na divisão obrava prodigios pela rapidez e exactidão com que realisava essas operações.

Além d'isso, tinha a qualidade nata de uma rude generosidade que o tornava sympathico a quantos o tratavam. Chegando a accumular alguns haveres, tudo perdeu pela sua franca e impensada credulidade.

Que descance em paz o honrado cidadão.

A futura exposição de Pariz

Está definitivamente resolvido que o grande certamen de 1900 se verifique no Campo de Marte. Como, porém, deve ser ainda muito maior do que o de 1889, resolveu-se que se faça um annexo em Vincennes, onde serão installadas as machinas e secções que demandem muito espaço.

Vae já tratar-se de principiar a construcção de novas linhas ferreas e de tramwais, para ligar Vincennes e todos os outros suburbios de Pariz com o Campo de Marte.

As festas diurnas, durante a exposição, serão feitas alternadamente em Vincennes e Campo de Marte. As nocturnas só n'este ultimo ponto.

Um naufragio horrivel

Um violento cyclone atirou, ha dias, contra os rochedos da ilha Madame, em Madagascar, o transporte de guerra francez *Labourdonnais*, desfazendo-o.

O *Labourdonnais* estava ancorado defronte da ilha de Santa Maria de Madagascar, com dois ferros, em vinte metros d'agua e

FOLHETIM

JARJAILLE NO PARAIZO

LENDA PROVENÇAL

Jarjaille, moço de fretes de Saint-Rémy, deixou-se morrer uma bella manhã, e eil-o em caminho da eternidade... O caminho é vasto e profundo, negro como breu, capaz de metter medo ao mais destemido.

Jarjaille não sabe para onde ir, vagueia na escuridão, rangendo os dentes e esbracejando, ás apalpadellas. No fim de muito tempo distingue ao longe, no ponto mais elevado, uma pequena luz. Dirige-se para alli. Era a porta do Paraizo.

Jarjaille bate: Truz! Truz!

—Quem é? pergunta S. Pedro.

—Sou eu.

—Tu quem?

—Jarjaille.

—Jarjaille de Saint-Rémy?

—Esse mesmo.

—Mas, grande maroto, diz-lhe S. Pedro, tu não tens vergonha de querer entrar no Paraizo, tu, que durante vinte annos não foste uma só vez á missa?... Tu, que quando podias, comias carne á sexta-feira e ao sabbado, se a tinhas!... Tu, que por escarneo chamavas ao trovão o tambor dos caracoes, porque os caracoes apparecem durante a tempestade!... Tu, que quando teu pae te dizia: "Jarjaille, Deus castigar-te-ha", respondias quasi sempre: "Deus? Mas quem o viu? quando se morre, morre-se." Tu, que o renegavas e blasphemavas, ousas apresentar-te aqui, abandonado de Deus?

O pobre Jarjaille respondeu:

—Eu não digo o contrario, sou um peccador, um miseravel peccador. Mas quem podia suppôr que, depois da morte, haveria ainda tantos mysterios? Emfim, enganei-me, e o que não tem remedio, remediado está. Mas ao menos, meu bom S. Pedro, deixae-me falar ao meu tio, para lhe contar o que se passa em Saint-Rémy.

—Qual tio?

—Meu tio Matéri, que era carmelita.

—O teu tio Matéri? Está no Purgatorio por cem annos.

—Por cem annos!... E o que tinha elle feito?

—Lembras-te de que era elle quem levava a cruz nas procissões... Um dia, alguns amigos galhofeiros combinaram-se, e quando elle passou, houve um que disse: "Olha, Matéri, que leva a cruz!"

Um pouco mais adeante, repete outro: "Olha Matéri, que leva a cruz!" Finalmente, um terceiro aponta-o, dizendo: "Olha, olha Matéri o que elle leva!"

Matéri, impacientado, replica: "O que eu levo?... se eu te levasse a ti, levava com certeza um grande asno..." N'essa occasião, teve uma apoplexia, morrendo victima da sua cólera.

—Pobre Matéri!... Então, deixae-me vêr minha tia Dorethéa, que era tão... tão devota.

—Essa deve estar no Inferno, porque eu não a conheço.

—Oh! que aquella esteja com o diabo não me admira. Imaginae que com uns grandes ares devotos...

—Jarjaille, eu não tenho tempo para te ouvir. Preciso de ir abrir a porta a um pobre varredor de ruas que um burro, com um coice, acaba de mandar para o céo.

—O' grande S. Pedro! visto que sois tão bom, deixae-me vêr o vosso Paraizo. Dizem que é tão bonito!...

—Essa é boa!... Julgas que deixarei entrar n'elle um vil calvinista como tu?

—Vamos, bom santo! Lembrae-vos de que meu pae, marinheiro do Rhône, leva o vosso pendão nas procissões...

—Pois bem, seja, disse o santo. Por causa de teu pae, concedo-te isso... mas tu deitarás apenas a cabeça pela porta, o sufficiente para vêr, fica entendido.

—Nada mais.

Dito isto, o celeste porteiro entreabre a porta e diz a Jarjaille: "Ahi tens, vê..." Mas em um momento, como o santo lhe voltasse as costas, o ladino Jarjaille entra no Paraizo, andando para traz.

—Que fazes? diz-lhe S. Pedro.

—A claridade cega-me, responde o homem de Saint-Rémy; é preciso

a cerca de uma milha da ilha Madame. O tempo estava bom e o mar calmo, mas para o resto da tarde principiaram a apparecer alguns indicios da approximação de um cyclone. O commandante, o capitão Villaume, um velho e experimentado marinheiro, tomou todas as precauções, apesar do barometro se conservar firme.

A's 10 horas da noite principiou a tempestade. O céu cobriu-se rapidamente e o barometro principiou a baixar. Essa baixa, porém, accentuou-se da meia noite em diante. Até ás 4 da manhã o barometro baixou oito milimetros. O tufão, de sudoéste, era enorme. O mar, encapelladissimo, varria o convéz com tal violencia que feria no rosto e mãos todos os que apanhava.

A's 3 horas e meia toda a tripulação estava no convéz. O commandante estava no passadiço, regulando a força da machina, posta em movimento para alliviar as amarras. A's 4 e meia as amarras cederam, ambas ao mesmo tempo. O navio atravessou immediatamente, sem que a machina, a todo o vapor, podesse endireital-o. Em seis minutos foi arremessado para cima dos rochedos da ilha Madame.

A escuridão era completa. A furia do vento impellia a chuva com tal violencia que não se podiam abrir os olhos sem sentir fortes dôres! No meio de tão horrivel tormenta ninguem se podia aguentar. O commandante foi arremessado do passadiço e teve de se amarrar a um mastro.

As ondas varriam o navio de minuto a minuto. O costado de estibordo, que estava exposto á vaga, foi esbandalhado, o mastro da ré cahiu, as peças de artilheria foram ao mar, levando comsigo a amurada e uns poucos de homens, que foram envolvidos, e entre elles o guarda-marinha Quiffart. Todos morreram, apezar de se estar a trinta metros apenas de terra.

Passaram-se horas de indiscriptivel angustia. A escuridão era tal, a tempestade tão violenta, o mar tão impetuoso, que nada se podia tentar; era esperar o destino! Só ás 7 horas da manhã, quando se principiou a poder vêr, é que se tentou estabelecer um cabo vae-vem. Foram arriados dois escaleres de bombordo. Um d'elles foi logo a pique. O outro chegou a terra, mas envolvido pelas ondas, e tendo perdido o cabo.

O guarda-marinha Lamoé e um marinheiro, os dois melhores nadadores de bordo, munidos de cintos de salvação, tentaram estabelecer o cabo. Atiraram-se ao mar e nadavam para terra, a fim de levar a espia. A dez metros, porém, o mar envolveu-os. O guarda-marinha morreu, e o marinheiro conseguiu chegar a terra, mas sem a espia.

Houve um tempo de desanimo completo. O commandante, porém, conseguiu reanimar a sua gente.

A's 9 horas o machinista Guillemette e o mestre de equipagem Kerenn, tentaram de novo estabelecer o cabo e conseguiram-o finalmente, podendo-se salvar por elle os que restavam da tripulação.

O commandante, ferido, com os olhos em sangue, e coberto de contusões, foi o ultimo que abandonou o navio, quasi desfeito.

Quando se reuniram em terra e se fez a chamada, faltavam vinte e tres homens, entre elles os dois guardas-marinhas.

O cyclone foi tão grande que todas as casas da ilha foram destruidas e os campos completamente arrazados. Não havia memoria de uma tão grande tempestade desde 1864, em que se deu alli outra quasi tão violenta como a d'este anno.

Pedimos aos nossos estimados assignantes, a quem nos dirigimos particularmente, a fineza de mandarem saldar as suas contas a esta administração.

Agradecemos áquelles que já o fizeram.

Navios novos

O navio que acaba de ser construido no estaleiro da Gafanha vae á agua no proximo domingo. Preparam-se alli festejos no acto de ser posto a nado, o que deve attrahir grande concorrencia ao pittoresco local.

O novo barco é de uma construcção elegante, e arma em palhabote. Como se destina á navegação do mar alto, está, no momento, sendo forrado de cobre.

Pertence á praça de Ilhavo, e é propriedade do sr. Razoilo.

No picadeiro que vae ser alliviado, deve brevemente ser collocada a quilha d'uma chalupa que será matriculada na praça d'esta cidade.

Morte repentina

Um lavrador de Esgueira, chamado Francisco Cardoso, foi com outros no principio d'esta semana á Bairrada para trazer uma pipa de vinho. Já em casa do lavrador, sentiu-se mal disposto, queixando-se d'isso aos companheiros. Estes aconselharam-o a descançar um pouco, e passado algum tempo quando o chamavam, estava morto.

O desditoso foi trazido no proprio carro para Esgueira.

Exposição colonial

Será inaugurada no dia 4 de março de 1894 a exposição colonial do Palacio de Crystal Portuense. A exposição estará aberta por espaço de dois mezes, podendo este praso ser prorogado.

A commissão executiva encarrega-se da venda dos objectos expostos. Serão facultadas entradas gratuitas na exposição aos operarios das fabricas e officinas dos industriaes do paiz. Haverá para cada classe uma medalha de ouro, duas de prata, tres de cobre e diversas menções honrosas.

A exposição divide-se em doze secções, sendo a primeira de productos do archipelago dos Açores, a segunda do archipelago da Madeira, a terceira de Cabo Verde, a quarta da Guiné, a quinta de S. Thomé e Principe, a sexta de Angola, a setima de Moçambique, a oitava da India, a nona de Macau, a decima de Timor, a decima primeira de productos europeus de fabrico exclusivo para as colonias portuguezas, a decima segunda de collecções e publicações que se refiram a mais de uma colonia.

Serão admittidos na exposição todos os productos naturaes e agricolas, materias primas para as industrias e productos manufacturados.

Theatro-barracão

Continúa a companhia do sr. Lozano com os seus espectaculos. Os artistas vão fazendo por agradar e, se mais não dão, é porque mais não está nas suas forças. E já fazem muito.

A concorrencia tem sido mais do que regular, não faltando applausos.

Hoje vão á scena os *Dramas do Povo*.

A proposito:

Não seria mau, antes pelo contrario, que o sr. commissario de policia tratasse de fazer sustar um pouco o tiroteio de *piadas* que alguns *engraçados* estabelecem quando os artistas estão representando. Porque o sr. commissario deve bem comprehender, por isso que não é tolo nenhum, que *aquillo* além de incommodar as outras pessoas e não deixar perceber o que os artistas dizem, prejudica até os interesses da companhia. E o que é de mais tambem parece mal.

Veja lá isso, sr. commissario. Será bom não ter iras e olho aberto só para os falhos de sorte...

Café Corneta

Ainda se não deu solução a um requerimento, em que dezenas de moradores da rua do Espirito Santo pediam para ser retirado o Café Corneta, que alli dava escandalo, praticando actos e dizendo palavras deshonestos.

Porque será?

Barra de Aveiro

Entradas em 9: Chalupa Bella Jardineira, mestre J. A. Biu, do Porto, com cimento.

Em 12: Hiate Rosalina, mestre A. Cachim, de Vianna do Castello, vasio. — Sahidas: Cahique Gloria 1.º, mestre J. Felicio, para Peniche, com sal.

Vento O. regular. Mar frouxo.

DE TODA A PARTE

Durante o mez de janeiro morreram cento e um soldados do exercito allemão. D'este numero, vinte e um, ou seja mais de vinte por cento, suicidaram-se; quatro pereceram por accidente; dois morreram em resultado de ferimentos recebidos em brigas.

* * *

No dia 4 d'este mez houve, em New-York, mais uma execução pela electricidade. O executado foi um negro, que estava preso na cadeia de Sing-Sing. O acto foi no interior da prisão, assistindo poucas pessoas. A força da corrente era de 1740 voltas; o negro teve morte instantanea.

* * *

Os estudantes das escolas de Cologne, na Allemanha, vão em grande numero visitar a exposição de Chicago.

* * *

O jornal fluminense "Le Brésil„ referindo-se aos paquetes portuguezes da Mala Real Portugueza, diz que em nada lhes são superiores os inglezes e os francezes.

GAZETILHA

WELCOME

Vamos ter breve entre nós
A galante Geraldine,
A fada *diamantine*
Que tem mil céos n'um sorriso.
Não falto, então, ao theatro,
Pois quero apreciar
O dulcifico cantar
Da *ave do Paraiso!*

Vae, pois, Aveiro largar
O seu aspecto sombrio,
Lavar nas aguas do rio
A cutis encarquilhada;
Vae mudar de *toilette*,
—O seu vestido de trapo—
Vae-se tornar mais guapo,
Dar rédeas á gargalhada.

Não torno jámais a rir
'Té chegar o fausto dia
De insondavel alegria,
D'essa ruidosa funcção;
Quero off'recer-lhe uma c'rôa
Dos aromas mais selectos,
—Os meus mimos e affectos—
Quero rir sómente então!

Que o *Loyola* te não veja,
Nem escute os cantos teus!
Maldita *sombra*, meu Deus!
Espectro feio, medonho!...
Que te não veja, repito,
Essa aguia endiabrada,
Pódes ficar embruxada
Se ella até te vir em sonho!

Sombra.

O POVO DE AVEIRO

Este jornal acha-se á venda em Lisboa no seguinte local:

Tabacaria Monaco, praça de D. Pedro, 21.

AO PUBLICO

JEREMIAS DOS SANTOS participa ao publico que vende excellente azeite fino pelos seguintes preços: Cada litro, 240 réis; porção de 5 litros, a 200 réis cada litro; em maior porção, grande abatimento.

Tambem vende vinagre branco fino, de superior qualidade, a 80 reis o litro e os 20 litros a 1$200 réis.

LARGO DO ESPIRITO SANTO
(Ao Chafariz)

BATATA. Na Fabrica de Moagem a Vapor, de Manuel Christo, vende-se batata de diversas qualidades, tanto para consumo como para semente.

ALUGAM-SE 15 pipas já avinhadas, de 680 litros cada uma. Quem as pretender dirija-se ao proprietario do Hotel Central, Manuel Francisco Leitão, em Aveiro.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendâmos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

No domingo 30 do corrente pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, e em virtude da deliberação do conselho de familia no processo de interdicção da demente D. Maria da Conceição Faria de Magalhães, solteira, d'esta cidade, ha de ser posta em praça, para ser arrematada por preço superior ao da respectiva avaliação, a propriedade abaixo declarada pertencente á referida demente e a seus irmãos, que tambem concordaram na venda:

Uma morada de casas terreas, sita na rua dos Tavares, d'esta cidade, a partir do norte e poente com predio dos herdeiros de D. Anna Faria de Magalhães, sul com a rua dos Tavares, e do nascente com José Maria de Oliveira Vinagre, avaliada em 40$000 réis.

As despezas da praça e de toda a contribuição de registo ficam a cargo do arrematante. Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Aveiro, 7 de Abril de 1893.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Eduardo da Costa e Almeida.

O escrivão,
Arnaldo Augusto Alvares Fortuna.

Vacca tourina

VENDE-SE uma vacca tourina, da melhor raça, e que está proxima a ter cria pela primeira vez.

Quem a pretender fale no talho de Francisco Ferreira, n'esta cidade.

Casa na Barra

VENDE-SE uma excellente casa, situada no Forte da Barra de Aveiro. Quem a pretender comprar, dirija-se a Francisco Ferreira, n'esta cidade.

entrar de costas. Mas ficae socegado que, conforme a minha palavra, logo que tenha visto, não vou mais adeante.

—Bem, pensou o bemaventurado; cahi no laço, e o patife cá está no Paraizo!

—Oh! disse Jarjaille, como se está bem aqui! Como isto é bonito! Que bella musica!

Depois de um momento, o santo porteiro disse-lhe: "Quando tiveres visto o sufficiente, creio bem que sahirás... Eu, não tenho tempo para estar aqui...„

—Não vos incommodeis, respondeu Jarjaille; se tendes alguma coisa que fazer, ide sem ceremonia. Eu sahirei... quando sahir. Nada de pressa.

—Olá, mas não foi isso o que nós combinámos!

—Meu Deus, santo homem! como estaes afflicto! Se não tivesseis bastante espaço aqui, o caso era differente; mas, graças ao Senhor, os logares não faltam.

—E eu digo-te que sáias, porque se o bom Deus passasse...

—Arranjae-vos como quizerdes. Sempre ouvi dizer: Quem está bem, conserve-se! Estou aqui bem, e aqui fico.

S. Pedro abanava a cabeça, batia o pé... Foi procurar santo Ivo.

—Ivo, disse-lhe elle, tu que és advogado, has de dar-me um conselho.

—Dois até, se quizeres, responde o santo.

—Sabes o que me acontece? Acho-me n'estes e n'estes casos; agora o que hei de eu fazer?

—E' preciso falar a um bom advogado e fazer comparecer perante Deus o dito Jarjaille.

Os dois procuram um advogado, mas advogados, no Paraizo, foi coisa que nunca se viu. Procuram um official de justiça, e ainda menos.

S. Pedro já não sabia para onde se havia de voltar.

Por acaso, passa S. Lucas.

—Que tens tu, meu pobre Pedro? Como estás afflicto! Foi Nosso Senhor que te molestou?

—Cala-te, homem, respondeu elle. Aconteceu-me um caso de maldição. E' um tal Jarjaille, que entrou por acaso no Paraizo, e não sei como hei de fazel-o sahir.

—E d'onde é elle?

—De Saint-Rémy.

—De Saint-Rémy? disse S. Lucas. Oh! meu Deus! Como tu és ingenuo! Para o fazer sahir, não é preciso senão... escuta: eu sou, como tu sabes, o amigo dos bois e o patrono dos boieiros: com estes titulos, percorro Camargue, Arles, Nimes, Beaucaire, Tarascon, conheço todo esse bravo povo e sei como hei de leval-o... Elles saltariam no fogo para verem uma tourada... Espera um pouco. Eu me encarrego de expulsar o tal Jarjaille.

N'esse momento passava uma nuvem de anjos.

—Pequenos! pst! pst! fez-lhe S. Lucas.

Os anjinhos approximaram-se.

—Sahi docemente do Paraizo e quando chegardes á porta, passae correndo e gritando como em Saint-Rémy, nas touradas: "Os touros! os touros!... Oh!... oh!... Os ferros! os ferros!„

E' o que fazem os anjos. Sahem do Paraizo, e quando chegam defronte da porta, precipitam-se, gritando:—Os touros! Oh! oh!...

Ouvindo isto, Jarjaille volta-se estupefacto: "Eia, com os diachos! Tambem aqui ha touradas! Depressa.... depressa...„ Lança-se para a porta como um doido, e sahe do Paraizo, o pobre homem.

S. Pedro fechou rapidamente a porta, pôz-lhe a tranca e deitando a cabeça pelo postigo, exclama, sorrindo:

—Então! Jarjaille, como te achas agora?

—Oh! replica elle, se fossem effectivamente os touros, não lastimava a perda do meu logar no Paraizo.

E dizendo isto, precipita-se nos abysmos infernaes.

ALPHONSE DAUDET.

Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoria geral de hygiene da côrte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a Debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco.—Premiada com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICA legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

Contra a Tosse

Xarope Peitoral James.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICO legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE

O caso do convento das Trinas

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes, na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

FABRICA
DE MOAGEM A VAPOR

DE

MANUEL CHRISTO

N'este estabelecimento vende-se farinha de milho, a toda a hora do dia.

Compra-se milho.

ARROZ: **Compra-se arroz com casca e vende-se a retalho, já descascado, mais barato que em outra qualquer parte.**

Por junto, faz-se abatimento.

RUA DOS TAVARES

AVEIRO

VICTORIA PEREIRA

VIAGENS PORTUGUEZAS

PORTUGUEZES E INGLEZES

EM AFRICA

Este livro formará um volume de perto de 300 paginas em 8.º grande e será distribuido brevemente aos srs. assignantes das VIAGENS PORTUGUEZAS por 600 réis, franco de porte e de cobrança de correio; e posto á venda nas principaes livrarias.

Um bello mappa da Africa Oriental acompanhará este interessante livro.

Recebem-se assignaturas na Empreza Editora do RECREIO, rua da Barroca, 109—Lisboa, para onde será dirigida toda a correspondencia.

O Judeu Errante

POR

EUGENIO SUE

Edição illustrada, nitida e economica

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

1.ª—O JUDEU ERRANTE publicar-se-ha a fasciculos semanaes, que serão levados a casa dos senhores assignantes nas terras em que houver distribuição organisada.

2.ª—Cada fasciculo de 5 folhas de 8 paginas, ou 4 folhas e uma gravura, custa o diminuto preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

3.ª—Para as provincias, ilhas e possessões ultramarinas, as remessas são francas de porte.

4.ª—As pessoas que desejarem assignar nas terras em que não haja agentes, deverão remetter sempre á Empreza a importancia adiantada de 5 ou 10 fasciculos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Litteraria Fluminense, casa editora de A. A. da Silva Lobo, rua dos Retroseiros, 125—Lisboa.

ALMANACH DOS THEATROS

PARA O ANNO DE 1893

(4.º DA PUBLICAÇÃO)

Ornado com os retratos e perfis biographicos das actrizes Virginia e Mercedez Blasco e dos actores Guilherme de Aguiar (do Brazil) e Joaquim Silva

Contendo, além d'outras, a esplendida poesia-dramatica de Victor Hugo, traducção de Fernando Leal

A CONSCIENCIA

E monologos, cançonetas, poesias comicas e varias producções humoristicas, satyricas, etc., etc., etc.

Dirigido por F. A. DE MATTOS

Preço 100 réis. Pelo correio 110 réis. Remette-se a quem enviar a sua importancia á administração da empreza do *Recreio*, rua da Barroca, 109, ou a qualquer das livrarias do costume. —Lisboa.

ANNUNCIOS. Na administração do POVO DE AVEIRO contratam-se annuncios, aos mezes e ao anno, por preços muito baratos.

R. do Espirito Santo

Aveiro.

Administrador e responsavel—José Pereira Campos Junior.

EDITORES—**BELEM & C.ª**—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

Ultima producção de

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó, A Filha Maldita* e a *Esposa*

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Está em publicação este admiravel trabalho de Emile Richebourg, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Uma estampa em chromo, do grande formato, representando a vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sahe em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Em AVEIRO assigna-se em casa de Arthur Paes — Rua do Espirito Santo.

JOAQUIM JOSÉ DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

AVEIRO E ARCOS DE ANADIA

GRANDE deposio de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chailes pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimentos. Grande sortido de chapéos de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encommendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Em Aveiro ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encommendas quando estejam á sua vontade. Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes.

ESPECIALIDADE EM GABÕES

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

Cosinheiro Familiar

Tratado completo de copa e cosinha

POR A. TAVEIRA PINTO

Valiosa collecção de receitas para fazer almoços, lunchs, jantares, merendas, ceias, molhos, pudins, bôlos, dôces, fructas de calda, etc., com um desenvolvido formulario para licôres, vinhos finos e artificiaes, refrescos e vinagre. Ensina a conhecer a pureza de muitos generos, a concertar louças, a evitar o bolor e maus cheiros, a limpar os objectos de zinco e de esmalte, a afugentar as formigas e contém muitos segredos de importancia para as donas de casa, creadas e cosinheiros.

N'este genero, é o livro melhor e mais barato que se tem publicado.

Preço 200 réis.

Está á venda nos kiosques e livrarias do reino, ilhas e Africa.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia em cedulas, devem ser dirigidos ao editor—F. Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

O REMECHIDO

Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes paladinos do partido miguelista.

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.

Illustrada com o retrato do biographado

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis, e só se vende, em Aveiro, no estabelecimento de Arthur Paes.

Africa Illustrada

ARCHIVO DE CONHECIMENTOS UTEIS

Viagens, explorações, usos e costumes, commercio, industria, meteorogia, distincção de climas, producções, colonisação, movimento progressivo, indicações hygicnicas e noticias da actualidade

POR

HENRIQUE DE CARVALHO

CONDIÇÕES:

A *Africa Illustrada* é uma publicação que se divide em serie ou volumes, abrangendo cada serie 52 numeros, tendo cada numero 8 paginas que se distribuirá nos domingos aos seus assignantes.

São considerados assignantes todos os individuos que pagarem 20 réis por cada numero no acto da entrega e aos que completarem a collecção da serie ficam com direito a receber uma capa especial para encadernação, folhas de rosto, indices e os brindes de mappas que se fizerem.

O porte de correio é por conta dos srs. assignantes ou compradores.

Sendo da vontade do assignante—póde o pagamento ser feito aos mezes ou aos trimestres e por isso pedimos o favor da declaração.

Rua da Junqueira, 1.

Lisboa